

DIA 15 DE NOVEMBRO, DOMINGO, ÀS 18 HORAS

No 50º aniversário da morte do grande
maestro e compositor

HOMENAGEM A VILLA-LOBOS

Apresentação dos corais da ASA e Avareté e do violonista
Luiz Felipe Oiticica. O regente Joaquim Assis contará histórias
e fatos curiosos da vida de Villa-Lobos.



Local: auditório da ASA

Ingressos: R\$ 5 (sócios da ASA quites com as trimestralidades) R\$ 10 (não sócios)

Estacionamento (pago) no local

Estação Botafogo do metrô, saída São Clemente, sentido Humaitá

O Brasil precisa de Ação Afirmativa?

SIM

Carlos Alberto Medeiros

NÃO

José Roberto Pinto de Goes

Páginas 6 e 7

E MAIS...

2 **EDITORIAL**
Desafios

3 **ISRAEL**
Demografia e política
OFRI ILANI, *Haaretz*

4 **SAMUEL RAWET**
Escritor sem limites
HELIETE VAITSMAN
CONTO
A nova sinagoga

8 **ARGENTINA**
A crise das *shuln*
NERINA VISACOVSKY

10 **BECO DA MÃE**
O incrível SAPS
HENRIQUE VELTMAN

11 **.COM**
Chamusas kosher
FANY SECHTER RUAH

NOTAS

IMPERDÍVEL
NA ASA ENTRADA FRANCA

150º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE SCHOLEM ALEICHEM
Apresentação de Carlos Acselrad
Leitura dramatizada do conto "Dois presentes de Purim"
Dia 29 de novembro, domingo, às 18 horas



Desafios

A diretoria da **ASA** para o biênio 2009-2011 foi eleita em setembro. Não são poucas as dificuldades que temos pela frente. Dentro da comunidade judaica, há, pelo menos, dois grandes desafios: sacudir a juventude e fortalecer o polo laico e progressista.

Como chegar aos jovens? Esta é uma pergunta recorrente, feita há muitos anos. Um certo comodismo e a insegurança no mercado de trabalho afastam a nova geração do ativismo social e político (com as exceções de praxe). Não é, obviamente, um fenômeno exclusivamente judaico. No Brasil, agrega-se uma dificuldade: o descrédito do trabalho político, em seu sentido mais nobre, contaminado que foi por escândalos crônicos de corrupção e incompetência dos políticos profissionais. Por mais difícil que seja a questão, é preciso enfrentá-la.

Aumentar a influência da tradição laica e progressista do judaísmo é outra tarefa complexa. Expandir o misticismo, vigora um olhar conservador na política. É nossa responsabilidade construir alianças com setores com os quais temos convergências e insistir na difusão dos princípios que justificam a nossa existência – dentro e fora da comunidade judaica.

Nada será possível sem a participação e a presença dos nossos sócios e dos que simpatizam com nossos propósitos. Assim sendo, caro leitor, se você se sente incomodado com os desafios que enfrentamos, saiba que eles não são apenas nossos. São seus também.



Não adianta esbravejar contra a xenofobia da Europa globalizada. Ela já arrombou a nossa porta. Pesquisa da ONU revela que 43% dos brasileiros gostariam de proibir a imigração (mesmo índice, por exemplo, da Espanha). O país dos braços abertos aos imigrantes jaz ao lado do mito do brasileiro cordial. A intolerância contra o estrangeiro alimenta, em muitos lugares, movimentos fascistas. Numa conjuntura de crise econômica mundial e enxugamento de empregos, o sentimento captado pela ONU deve preocupar os democratas brasileiros. ■

Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 - Botafogo
Rio de Janeiro - RJ - CEP 22.260-001
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740
Home page: www.asa.org.br e-mail: asa@asa.org.br

Presidente Mauro Band

Vice-presidentes Horácio Itkis Schechter e Gitel Bucaresky

Secretárias Tania Mittelman e Rosa Goldfarb

Tesoureiros Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins

Diretores Jacques Gruman, Clara Goldfarb,
Marcos David Somberg, Fanny Cytryn e Esther Kuperman



ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

Home page: www.asa.org.br
e-mail: asa@asa.org.br

Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

Colaboradores do Boletim: David Somberg, Esther Kuperman, Fany Sechter Ruah, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

Programação Visual: Hama Editora

Impressão: Grafitto

Tiragem: 2.200 exemplares

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.

NA ASA

Coreógrafo Rafael Barreto de Castro



Estes dançam



Regente Cláudia Alvarenga

Estes cantam

E você? Vai ficar só apreciando?

DANÇA ISRAELI - Toda terça, às 18h30

CÍRCULO DE LEITURA EM PORTUGUÊS -

Quinzenalmente, terças, às 15h30

CORAL DA ASA - Ensaios toda quarta, às 20h

AULAS DE ÍDISH - Toda quinta, das 19 às 20 horas,
com Moisés Garfinkel

Estacionamento no local (pago) Saída S. Clemente da Estação Botafogo (sentido Humaitá)

Demografia e política

Ofri Ilani / Haaretz

Os judeus seculares deverão tornar-se minoria nas escolas e na população israelense em idade de alistamento dentro de 20 anos, de acordo com um recente estudo publicado na revista americana *Foreign Policy*. O estudo, baseado em números do Escritório Central de Estatísticas de Israel (ECEI), prevê que, até 2030, árabes e judeus ultraortodoxos juntos comporão cerca de 60% dos alunos nas escolas elementares e cerca de 40% dos cidadãos elegíveis.

O artigo "A face mutante de Israel" foi escrito por Richard Cincotta, demógrafo consultor do National Intelligence Council do governo dos Estados Unidos, e Eric Kaufmann, da Universidade de Londres. Eles

utilizam a análise demográfica para explicar as tendências evidentes nas últimas eleições israelenses, inclusive a força crescente do partido de extrema direita Israel Beiteinu, e atribuem esse sucesso aos temores dos israelenses seculares a respeito da diminuição da maioria sionista do país.

"À medida que a proporção de eleitores judeus seculares retrocede, a sorte do Israel Beiteinu está destinada a melhorar", escrevem Cincotta e Kaufmann. "E essa proporção de fato diminuirá, a menos, é claro, que as regras do jogo mudem."

O artigo demonstra que a proporção de estudantes seculares encolheu de modo significativo nas últimas várias décadas. "Os números são impressionantes. Em 1960, o ECEI relatou que apenas 15% dos alunos de escolas primárias eram árabes ou *haredim* (ultraortodoxos). Agora, eles são cerca de 46%. Por volta do ano de 2020, a maioria dos alunos em escolas primárias serão crianças desses dois grupos, cada

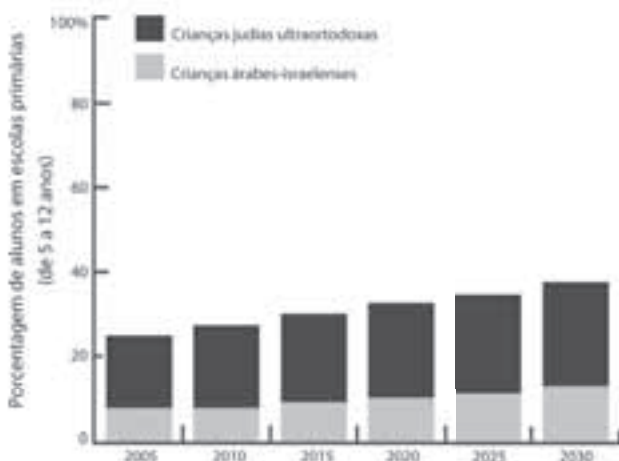
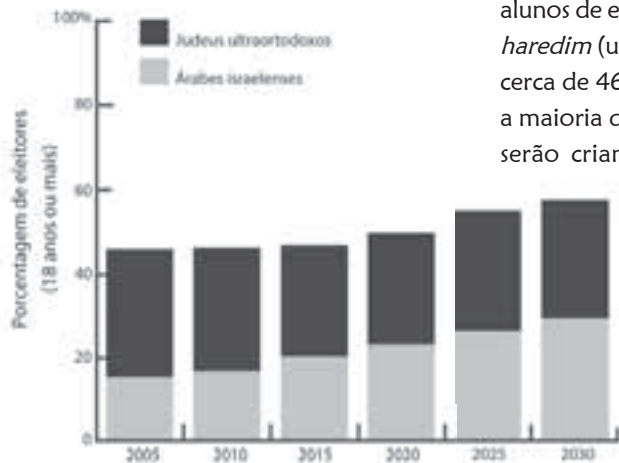
qual separado em seu próprio segmento do sistema educacional." Os autores observam que a média de nascimentos para cada mulher ultraortodoxa é de 7, e a das árabes muçulmanas, 3,9.

De acordo com uma avaliação feita pela inteligência dos EUA e divulgada meses atrás, a tendência demográfica poderá ter um efeito significativo sobre a composição da Knesset, o Parlamento de Israel.

O professor Sergio Della Pergola, da Universidade Hebraica, perito em demografia judaica contemporânea, disse que conhecia os números citados na *Foreign Policy*, mas não estava convencido das previsões feitas pelos autores do artigo.

Ainda não está claro, segundo ele, se a fertilidade entre os ultraortodoxos manterá a mesma tendência nos próximos anos. Depende muito dos subsídios do Estado à infância. ■

Tradução: S.M.G.



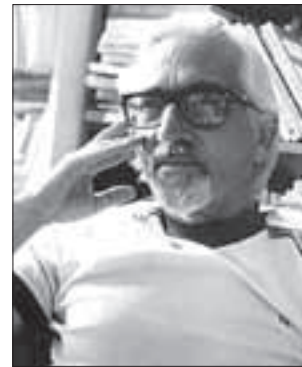
ADQUIRA PARA VOCÊ E SEUS AMIGOS



Já à venda
na ASA

R\$ 15,00

"DA PRAÇA ONZE AOS SUBÚRBIOS, UM PANORAMA FECUNDO, BEM-HUMORADO, CARINHOSO..."



Samuel Rawet

Escritor sem limites

Heliete Vaitsman / Especial para ASA

Entre os meios de comunicação da comunidade judaica do Rio de Janeiro na década de 1950, o boletim *O Espelho*, publicado no subúrbio de Olaria por jovens filhos de imigrantes, retrata as preocupações e as ilusões de um grupo populacional que se consolidou social e economicamente numa época em que o mundo e o país eram varridos pelas ideias de liberdade e confiança pós-Segunda Guerra, pós-Estado Novo e, para os judeus, pós-criação do Estado de Israel. Em outro registro, o boletim mostra o início da trajetória de Samuel Rawet, que teria completado 80 anos em 23 de julho último e ali publicou seus primeiros escritos, entre crônicas e contos, e alguns desenhos.

Uma das grandes figuras *cult* da literatura brasileira, tanto pela originalidade da obra e pelo domínio técnico como pela coerência da trajetória vital sem concessões, Rawet já se mostra um mestre da ironia num conto como este ao lado, “A Nova Sinagoga”. Nas páginas de *O Espelho*, “órgão interno do Grêmio Cultural e Recreativo Stefan Zweig” – um dos muitos grêmios laicos que congregavam os jovens judeus, procurando evitar a assimilação –, o rapaz de apenas 20 anos escrevia boa ficção, fazia críticas de teatro e condenava desde o antissemitismo da imprensa brasileira (que chamava os judeus, quando estes participavam de manifestações políticas, de “elementos israelitas”) até a inércia das lideranças comunitárias diante da acolhida do governo brasileiro a refugiados nazistas.

Os amigos de então não desconfiavam do tamanho do sentimento de rejeição que, apesar da inserção aparente, acompanhou Rawet por toda a vida, e que ele expressa no livro de estreia, *Contos do Imigrante* (onde está o famoso conto “Gringuinho”), de 1956. Ano que, lembra o romancista Esdras Nascimento, foi apontado como um divisor de águas da literatura brasileira devido à publicação

de *Grande sertão: veredas*, e...do volume de Rawet! Guimarães Rosa e Rawet juntos? O aclamado escritor, acadêmico e diplomata, e o jovem recém-formado em Engenharia cuja língua materna, o ídich, parecia fadada à extinção depois do Holocausto? Saudado como renovador da narrativa curta no Brasil, Rawet teria tudo para ser motivo de orgulho judaico, mas a contundência do seu grito até hoje produz estranhamento, e ele mesmo arcou com os custos de publicação de vários de seus livros (agora reunidos pela Editora Civilização Brasileira).

Calculista do Congresso Nacional, continuava a escrever contos, romances, ensaios, peças teatrais.

Nascido em Klimontow, Polônia, Rawet chegou ao Rio em 1936, aos sete anos, em companhia da mãe, de um irmão e da irmã. Vinham ao encontro do pai e do irmão mais velho. Foi para a escola primária suburbana, o ginásio suburbano, fez vestibular, destacou-se pelo brilho. Como integrante da equipe de Oscar Niemeyer, foi o calculista do Congresso Nacional e, em 1963, mudou-se para Brasília. Continuava a escrever contos, romances, ensaios, peças teatrais.

Por muito tempo, Rawet se manteve fiel à Lei do clã. Mas o maior desejo era ser um brasileiro completo. Não um brasileiro aburguesado, e sim um carioca livre de injunções familiares. Não queria loja de móveis, transações comerciais, sábados na sinagoga, casamento. Via-se, como escreveu em mais de um ensaio, como dono e senhor de si mesmo, de bares, botequins e praças da cidade. Daí, talvez, a necessidade de negar a própria erudição, que poderia colocá-lo num indesejado pedestal. Em entrevista ao jornalista Flavio Moreira da Costa em

1972, disse: “Sou fundamentalmente suburbano. Eu aprendi português nas ruas, apanhando e falando errado, e acho essa a melhor pedagogia...”

Quando a imaginação delirante substituiu a sanidade, Rawet largou a equipe de Niemeyer. E rompeu publicamente com a sociedade judaica que conhecera (e não com o judaísmo, muito menos com a ética judaica), ao publicar, em 1977, o ensaio “Kafka e a mineralidade judaica ou a tonga da mironga do kabuletê”. “Estou farto de pathos, farto de ahhs!, ohhhs!, uhhs!, arreganhos de dentes, deboches (...)”, escreveu. Anunciou que não queria mais saber de amigos judeus, comida judaica, negócios imobiliários judaicos... Morreu em Brasília, em 1984. Sozinho, mas não isolado, pois amigos escritores o acolhiam.

Entre os judeus que se debruçaram sobre o escritor, Pérola Engellaum, autora da tese de doutorado (UFRJ) “Samuel Rawet, a alma que sangra”, pergunta: “Por que Rawet?” E responde: “(...) Ele expressa em sua trajetória meus mais profundos conflitos, meus profundos temores. Enquanto lia “Os sete sonhos” e “Abama”, passei a respirar, a viver minha ancestral melancolia judaica, e estas são as melhores obras, sejam filmes, livros ou músicas, aquelas que nos levam aos nossos limites. Como os românticos, Rawet expressa seu desconforto em relação às engrenagens da modernidade. Expressa também sua indignação com a hipocrisia da comunidade judaica de sua época, que viveu um período de ascensão graças ao desenvolvimentismo do governo JK. Esse brado de inconformismo e revolta atravessa todos os movimentos críticos da modernidade, seja artística ou politicamente (...)”. ■

Heliete Vaitsman, jornalista, é colaboradora deste Boletim.

A nova sinagoga*

Se isso foi verdade não sei. Quem me contou pediu o mais absoluto silêncio, e eu...ora eu, segredo contado, segredo guardado. Vocês já estão curiosos, vejo. Pois bem. Aí vai, com uma condição, segredo contado, segredo guardado.

Guerra vai, guerra vem, aumento de família, casamentos, imigração, o fato é que a sinagoga do lugar foi ficando pequena e tornava-se necessário a construção de outra maior, para dar vazão à fúria de fé. Havia outro fato ainda, como o mundo é pequeno, e uma bola, dá voltas e mais voltas e, dizem, chega ao mesmo lugar, os dois grupos mais numerosos da coletividade eram das cidades X e Y da velha Polônia.

X e Y tinham entre si uma birra, já secular, birra amainada pelas desgraças seguidas e pela peregrinação ao segundo desterro. Mas birra é birra, e, mais cedo ou mais tarde, teria que saltar com o mesmo vigor do fundo dessa grande sacola que é o coração, ou o fígado.

A primeira coisa a ver era o terreno.

X e Y discutiram, discutiram, e concordaram.

Depois a sinagoga.

X e Y discutiram ainda mais. Entre ambos havia filhos engenheiros e cada facção queria ter a honra de ver o seu projeto realizado. Após muitos insultos açucarados em “língua sagrada”, imprecações no mais puro latim, chegaram a um acordo. O projeto seria misto. Ora, vivas!

Não acabaram as discussões. Havia ainda um mundo de detalhes miúdos, mas importantes, e que mereceram, todos eles, as mesmas honras de sovas verbais proclamadas com o mesmo ardor de antes. Grande tenacidade dessa gente. Nada os cansava, ao contrário, o mínimo despertava o máximo de irritação. E como discutiam. Na campanha de finanças a luta foi um pouco mais dura. X descarregava o peso sobre Y

alegando dificuldades, apertos, etc. Y descarregava sobre X alegando apertos, dificuldades, etc.

Arranca daqui, aperta de lá, em meio a copos de chá e suspiros pela velha cidade (você se lembra?...) a coisa firmou. Obtida a quantia, nesse sábado houve mais vivacidade. A oração foi mais fervorosa. O coração de Deus nas alturas deve ter tremido com tanta devoção. Ao entardecer, então, os arenques foram deglutidos em banho de chopp empanturrando e alegrando muito sisudo. Não fosse a penumbra, era cedo ainda para acender as luzes, e se veria na-

Todos os insultos anteriores, somados de ambas as partes, eram poucos para a data magna.

rizes vermelhos e olhos brilhantes ninando cantigas. Pela graça de Deus. Amém.

Muita alegria, alegria demais. Impossível. Feitas as preces, acesas as luzes, novas preces, e a última saudando a semana que entra. Depois os cigarros, a doce fumaça azulada escapando em espirais das bocas ávidas pela abstenção de 24 horas. Tanta felicidade junta Deus nunca permite, pudera! Havia risos demais no ar. Muitos abraços, cochichos, muita alegria, enfim.

A ideia partiu não se sabe de onde, e foi aceita. Reuniram-se X e Y para escolher o cantor oficial da sinagoga, a voz que embalaria os festejos e as preces e levaria os apelos diretamente para cima. A garganta privilegiada. E aí... ninguém arredava o pé. Nada de solução mista, de arranjo. Ambos inflexíveis. Inflexibilíssimos.

E dessa inflexibilidade nasceu a história. Todos os insultos anteriores, somados de ambas as partes, eram poucos para a

data magna. Glórias e misérias de ambos os lados. Gerações e gerações desfiadas, árvores genealógicas plantadas em meio minuto.

– Com quem você pensa que fala? Eu sou Chaim, filho de Schloime, neto do rabino de Z. e casado com a filha de um primo que teve a honra de conhecer o grande Santo W, quando da peregrinação...

– E você? Quem não o conhece? Seu tio já era famoso como...

Bem, impossível descrever os diálogos. E tudo na mais santa e na mais pura linguagem que os ouvidos humanos já puderam ouvir. Glória divina. Inflexibilidade. Ninguém cede. X e Y debatem-se na mais feroz das batalhas. E... nada!

Enfiadas as carapuças até as orelhas, os narizes vermelhos e os lenços ventilando o abafamento da sala, retiram-se os contendores na mais desolada das resoluções.

Não há mais sinagoga nova.

Devolvido o dinheiro, engavetados os projetos, abandonado o terreno, desmoronou a ideia.

X continuou na velha sinagoga, agora já espaçosa com a ausência de Y. Y ajeitou uma outra, sem pompa nem gala. E com a bondade divina e a boa vontade dos homens, a paz voltou a reinar, mas a birra... ora a birra! Continuou guardada no fundo da grande sacola que é o coração, ou o fígado.

E agora, por favor, segredo! Se ainda fosse verdade, está bem. Tinha uma desculpa a contar. Mas podendo ser mentira, não! Que Deus me perdoe a calúnia espalhada! ■

* Publicado originalmente em O Espelho, em setembro de 1950.

Cedido pela senhora Clara Rawet Apelbaum.

Foto S.M.C



Carlos Alberto Medeiros

A vitória no debate

Carlos Alberto Medeiros / Especial para ASA

O brutal espancamento pelos seguranças do supermercado Carrefour em Osasco, Grande São Paulo, de um homem negro de classe média considerado suspeito por estar ao volante de um EcoSport – e que teve melhor sorte que o jovem dentista assassinado, por motivo semelhante, pela PM paulista, nas imediações do aeroporto internacional de Guarulhos, para onde levava a namorada suíça que estava retornando a seu país – constitui mais um exemplo da discriminação que atinge os negros neste país, que alguns teimam em negar, na tentativa de sustentar o desgastado mito da “democracia racial” e impedir o avanço das chamadas políticas de “ação afirmativa”.

Incidentes como esses dão carne, cor e sangue aos números da desigualdade racial, eloquentemente expostos em pesquisas realizadas desde a década de 1970 por instituições como o IBGE, o DIEESE, o IPEA e tantas outras. De acordo com os dados, um verdadeiro fosso separa brancos e pardos, e também brancos e pretos, considerando-se indicadores como mortalidade infantil, expectativa de vida, rendimentos do trabalho assalariado, educação, e uma pequena distância entre pretos e pardos, por vezes irrelevante do ponto de vista estatístico, justificaria agrupar esses dois segmentos numa categoria única, que alguns chamam de “não brancos”, “afrodescendentes” ou simplesmente “negros”. Essa distância é por demais acentuada, difundida e persistente para que se possa atribuí-la, como ainda querem alguns, a “reminiscências arcaicas da escravidão”, para usar a linguagem dos sociólogos “paulistas” na década de 1960, ou explicá-la como subproduto das desigualdades sociais de que este país é recordista. Ela está presente em qualquer

recorte que se faça de nossa sociedade: em qualquer região, faixa etária, faixa de escolaridade ou categoria profissional. Cruzando-se escolaridade, profissão e renda, evidencia-se que os negros ganham menos que os brancos, ainda que exerçam a mesma profissão e tenham o mesmo grau de escolaridade. E não vale a explicação, altamente conveniente, de que uma mesma faixa de escolaridade ocultaria diferenças na qualidade do ensino, já que a desigualdade se manifesta até mesmo na base da pirâmide educacional, onde todos estudaram em escola pública. Como explicar que, segundo o IBGE, agricultores brancos analfabetos ganhem mais, na média, do que seus correlativos negros?

As propostas de ação afirmativa no Brasil se assentam sobre o duplo alicerce do testemunho dos negros e de sua con-

Existe até cota para filho de professor em colégio de aplicação.

firmação pelas pesquisas. A ideia é, com base na experiência de uma série de países (e não apenas dos Estados Unidos, como se pretende maliciosamente fazer crer) e sustentada em convenções internacionais de que o Brasil é signatário, proporcionar a igualdade de oportunidades, por meio de cotas e outros instrumentos, especialmente no ensino superior e no mundo do trabalho, a grupos historicamente discriminados, como é o caso de negros e índios. Não se trata de novidade, já que o conceito tem sido aplicado a diversos segmentos populacionais: mulheres, indígenas, portadores de deficiência, idosos, crianças e adolescentes, pequenos e microempresários, moradores do Norte e do Nordeste... Existe até cota para filho de

professor em colégio de aplicação, o que levou alguém a observar que o problema não é a cota, mas a cor da cota.

Pesquisas demonstram que a aplicação dessa política no âmbito universitário tem sido altamente positiva, os alunos *cotistas* apresentando aproveitamento acadêmico semelhante ao dos demais e, como se previa, menores índices de evasão. Ao mesmo tempo, nenhum incidente violento foi até hoje denunciado, mostrando com que seriedade devem ser encaradas as previsões apocalípticas, recheadas de um ufanismo que se julgava *démodé*, dos opositores dessa política, que não obstante continuam a emití-las, totalmente dissociadas da realidade. Outra contradição, de um vasto cardápio, é reconhecer que há racismo, mas sustentar a impossibilidade de se identificar quem é negro, ou defender a eugenia lexical do conceito de raça, mas ao mesmo tempo louvar a miscigenação, um filhote desse mesmo conceito.

Para além, contudo, do efeito positivo sobre seus beneficiários, a ação afirmativa obrigou o conjunto da sociedade a discutir um tema considerado desagradável, perturbador, ultrapassado – já que isso teria sido resolvido na década de 1930 com a obra de Gilberto Freyre e a articulação do mito da “democracia racial” – e até mesmo perigoso, pois alguns brasileiros cultivam a ideia original de que discutir raça provoca o racismo. Nós, porém, que temos os pés fincados na realidade e no presente, só podemos considerar auspicioso este momento em que a sociedade brasileira tem uma chance de ajustar contas com sua história de escravidão e discriminação. ■

Carlos Alberto Medeiros, mestre em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFF, é autor de *Na lei e na raça. Legislação e relações raciais Brasil – Estados Unidos e coordenador especial de Promoção da Igualdade Racial do Município do RJ.*

O Brasil não é racista

José Roberto Pinto de Goes / Especial para ASA

Foto S.M.G



José Roberto P. de Goes

A ideia de que as desigualdades sociais se reproduzem determinadas por preconceitos raciais não se sustenta nos fatos. Uma criança “negra” nascida numa família pobre terá as mesmas oportunidades desfrutadas pelas famílias pobres, e o mesmo acontecerá com uma criança nascida numa família de classe média ou de maiores posses. O acesso a bens materiais e culturais é regulado por critérios estritamente econômicos e pessoais.

Mas tem gente que não acredita no Brasil, não tem orgulho de nossa História e não compartilha de uma cultura (a dos brasileiros em geral) na qual o traço talvez mais relevante seja o orgulho da tolerância e da mistura.

Há quem não acredite que o Brasil seja uma nação. No debate acontecido na **ASA**, uma garota, muito emocionada, disse que tinha direito de saber a história do seu povo. Ela se referia ao “povo negro”, que aqui, supostamente, encontra-se subjogado por uma minoria branca e racista, mais cruel (porque disfarça o ódio) do que aquela que governou a África do Sul.

Há quem de nada se orgulhe na nossa História, exceto do sangue que correu em Palmares. As comemorações do 13 de maio foram substituídas pelas do 20 de novembro, dia da morte de Zumbi, dia da “consciência negra”. Mas a população do Rio de Janeiro comemorou durante uma semana a Abolição, que foi feita por livres, escravos, libertos, pretos, pardos e brancos. Não dá para esquecer. Nem deixar de render homenagem à Princesa, que afinal assinou a Lei Áurea.

Para achar que o Brasil é racista, só não compartilhando da talvez melhor herança recebida das gerações passadas: a facilidade com que diferentes povos e tradições culturais se integram com a nacionalidade. O traço mais evidente da identidade nacional brasileira é a valorização da mestiçagem. Os que dizem que

o Brasil é racista querem trocá-la por uma consciência racial.

Ler as estatísticas através de um deformado viés racial é fácil. Difícil é levar os brasileiros a se conceberem como integrantes de raças diferentes e em conflito. O finado Hércules Correia, comunista importante no Brasil de décadas atrás, contou em suas memórias uma história que diz muito do jeito brasileiro de contornar dificuldades e perigos. Era o início de 1964. Sentado na cadeira de um engraxate, escutou-o dizer a outro: “Estão dizendo que o comunismo vem aí.” A resposta foi: “Não tem problema, se vier, a gente avacalha.” (Sabedoria popular, outro motivo de orgulho.)

Se os políticos sucumbirem à pressão de ONGs racialistas e o Estado vier a classificar racialmente os brasileiros (cabendo a uns direitos que são negados a

Política pública baseada em critérios raciais é política racista.

outros), avacalhar será inevitável. Muito misturados, ninguém sabe, nem se importa em saber, se é negro ou se é branco (categorias bipolares ao estilo norte-americano). Em 1976, um recenseamento do IBGE não pediu que os brasileiros se autodeclarassem, como de costume, nas categorias branco, pardo, preto, amarelo ou indígena. Deixou a resposta em aberto. Computou mais de uma centena de autodesignações. A minha preferida é “marrom-bombom”, mas acho que essa não apareceu no levantamento, deve ter sido inventada depois. Unifica os brasileiros não uma pertinência racial, mas, além da História, uma aspiração comum relacionada a igualdade de direitos, cidadania, prosperidade, paz,

essas coisas simples e ao mesmo tempo muito importantes.

O recenseamento é mais uma evidência, entre tantas outras, da nossa dificuldade em nos reconhecermos segundo critérios raciais rígidos. Os racialistas vão continuar criando tribunais dedicados a examinar a pureza racial das pessoas, como faz a Universidade de Brasília (UNB), mas não vai adiantar, pois a gente vai avacalhar. E quando digo a gente, refiro-me também aos racialistas, pois os tenho como brasileiros como eu e o leitor. Nos Estados Unidos, graças a uma tradição obscurantista firmada pelos tribunais na virada do século 19 para o 20, todo mundo acredita que negro é quem tem ao menos uma gota de sangue negro. Todos sabem quem é quem. Aqui, o próprio tribunal racial da UNB contribui para tornar tudo muito avacalhado. Aprovou cota racial para um irmão e negou para o outro. Um foi classificado como negro e o outro como branco. E eles eram gêmeos. É possível não rir, mesmo diante de tamanho obscurantismo?

Quanto às chamadas Políticas de Ação Afirmativa, dentre as quais as cotas para negros em universidades ganharam destaque especial, eu desconheço o que vem a ser uma ação que não seja afirmativa. As políticas públicas devem ser concebidas para melhorar a vida das pessoas, especialmente as mais pobres e desamparadas. A que deu certo em todo lugar do planeta onde a miséria e a pobreza insultante foram extintas é investir na escola pública de boa qualidade. Isso significaria dar a todos os jovens brasileiros oportunidades iguais antes do início da vida adulta. Política pública baseada em critérios raciais é política racista. E do mal só sai o mal. ■

José Roberto Pinto de Goes é professor de História da FFP / UERJ e autor dos livros A Paz das Senzalas e O Cativo Imperfeito.

A crise das *shuln*

Nerina Visacovsky / Especial para ASA

Em minhas pesquisas acadêmicas, tenho priorizado as propostas educacionais das entidades vinculadas ao ICUF. Na Argentina, no Brasil e no Uruguai, foram criadas escolas idishistas que floresceram nos anos 50. E depois, aconteceu o quê? Por que desapareceram?

Na Argentina, a história das *shuln* progressistas começou na década de 1920 com as escolas operárias, as *árbeter shuln*. Em 1929, existiam oito *árbeter shuln* em Buenos Aires e arredores, associadas ao Arbshulorg (Árbeter Shuln Organizátsie). Essa Federação publicava a revista *Undzer Shuln (Nossas Escolas)*, para pais e professores, e cedia um local para se debaterem os problemas das escolas. Em ídish, um professor ensinava a crianças de diferentes idades História e Política segundo o ideário marxista-leninista, que entusiasmava boa parte do operariado idishista. As *árbeter shuln*, para crianças, e a Pionner Organizátsie, para os pré-adolescentes, constituíram os primeiros passos organizados rumo à socialização política das novas gerações. Não eram experiências sistemáticas ou com um programa de estudos, nem seus professores tinham um preparo pedagógico; eram intelectuais com vasta formação, admiradores da Revolução Soviética cuja intuição e paixão criavam ambientes aconchegantes e atraentes, reconhecidos por seus alunos como um “segundo lar”. Por trás de toda essa atividade trabalhava a Idséksie (a seção ídish do Partido Comunista), mas o público era heterogêneo, frequentemente determinado pela proximidade do bairro. Lá pelo fim dos anos 20, o clima de instabilidade que gerou a “grande depressão” deu margem a que grupos de direita, desencantados com a prédica liberal, dessem um golpe de Estado em 1930. O governo militar de Uriburu iniciou uma intensa repressão contra os operários estrangeiros, proscreeu o PC

argentino e organizou a “Seção Especial” de repressão ao comunismo, dependente da Polícia Federal. A “Seção Especial” se ocupava de perseguir tudo o que propagasse “ideologia dissoluta”. Assim, em 1932, as escolas operárias foram revistadas e fechadas. A rápida recuperação econômica permitiu a redução da intranquilidade social e, no contexto de uma democracia fraudulenta, os ativistas/militantes reabriram as escolas. Nessa etapa, marcada pela política de frentes populares, procuraram conferir um marco de legalidade às *folks shuln*, que se agrupavam então no Farband fun Ídiche Folks Shuln. Contudo, todas as

A partir dos anos 1940, os progressistas criaram 25 instituições, das quais uma dezena eram escolas israelitas laicas

tentativas fracassavam numa atmosfera que abria, cada vez mais, passagem para grupos católico-nacionalistas xenófobos. As *folks shuln* foram fechadas novamente pela “Seção Especial” da Polícia em 1937, e o uso do ídish, proibido em atos públicos. Os problemas de antissemitismo e anticomunismo que, projetados nos acontecimentos europeus, tiveram lugar na Argentina foram especialmente significativos durante a ditadura de 1943. Porém, apesar da “onda reacionária”, a fortaleza dos progressistas na transmissão de sua herança foi mais poderosa.

A partir de 1940, criaram-se em todo o país numerosas instituições – entre elas, uma dezena de escolas judaicas laicas -, que somaram cerca de 25 nos anos 50. As *véttlehe shuln* se agruparam na flamante Federação ICUF, fundada em Paris, em 1937, e em Buenos Aires, em 1941. No

contexto político da Segunda Guerra Mundial, enquanto o mundo enfrentava o horror do nazismo, nasciam as escolas progressistas para proteger o legado cultural idishista. Durante os anos peronistas, consolidaram-se e foram reconhecidas oficialmente sob leis que regulavam “a dose de patriotismo argentino” nas escolas complementares idiomáticas. Iniciava-se assim a terceira etapa, e a mais duradoura, para as *shuln*. Em 1943 e 1944, as escolas Jaim Zhitlovsky de Villa del Parque e I.L.Peretz de Villa Lynch, que eram as mais concorridas, foram incorporadas à política de subsídios do Vaad HaHinuch, a comissão educativa da AMIA. Mais três escolas se somaram em fins dos anos 40. Nessa época, as escolas laicas de esquerda – bundistas, poaleissionistas e icufistas – eram as mais populares. No entanto, a criação do Estado de Israel, em 1948, e o início da Guerra Fria foram determinando polarizações no entorno comunitário. Em dezembro de 1952, os dirigentes icufistas se negaram a assinar uma condenação aos processos de Praga e à União Soviética, acusada de antissemitismo, o que culminou com a expulsão do ICUF. Aquele processo, conhecido como “o *hérem*”, encontrou as escolas progressistas em pujantes dificuldades financeiras. O firme idealismo de seus ativistas, um público simpatizante do PC e uma rede de cooperativas e empreendimentos solidários as mantiveram de pé. O I.L.Peretz de Villa Lynch, por exemplo, contava com *kinder-gartn, shul* e *mitl-shul*.

A década de 1950 foi, sem dúvida, a de maior expansão das *shuln*. O Shul-Rat Central editou doze números da revista *Kindervelt* para o ensino do ídish, e, sob a coordenação de Tzalel Blitz e do *lérer* Simon Gordon, produziu-se uma infinidade de materiais temáticos em ídish com “conteúdo progressista”. Entretanto,

surgia uma geração de professores jovens. Nas *shuln*, ocorreu uma “hibridação pedagógica”, caracterizada por uma cultura idishista que se amalgamou com o legado educativo de Domingo F. Sarmiento, a pedagogia coletivista de Makarenko e as novas correntes da escola ativa. A história é longa e complexa, mas esta breve introdução ao período de desenvolvimento é importante para nos concentrarmos nos motivos da deterioração e do fechamento definitivo das *shuln*.

Em fins dos anos 1950, as dificuldades financeiras aumentavam à medida que o país sofria as consequências de uma indústria não competitiva no mercado internacional. Isso, entre outros motivos, abriu uma crise no Estado de bem-estar peronista e, com o golpe militar de 1955, iniciaria um período de permanente instabilidade política entre governos civis fracos e outros comandados por setores militares. Paralelamente, a principal força política do país, o peronismo, proscrito do sistema, crescia na clandestinidade. O tempo em que a juventude se tornara protagonista encontrou uma segunda geração icufista nativa, que falava espanhol e que estava disposta a se integrar na luta pelas causas nacionais e latino-americanas.

Foi assim que, nos anos 1960, os jovens “esclarecidos”, motivados pela utopia cubana, voltaram-se para a militância e a participação em universidades, partidos políticos e organizações civis. Até aqui, portanto, temos dois motivos concretos para o encolhimento das *shuln*: dificuldades financeiras e desinteresse da juventude pelo ativismo nas entidades. Mas tem mais. A política idiomática do Estado de Israel para a Diáspora impusera o ensino do hebraico, e o ídich, em geral, começava a perder seguidores em toda a comunidade. Mesmo correndo o risco de simplificar, digamos que, em linhas gerais, nos círculos sionistas, o hebraico era o novo, enquanto o ídich era identificado como o idioma “dos velhos”. Enquanto isso, não eram poucos os jovens icufistas que se perguntavam: para que ensinar o ídich nas escolas,

se não haverá um território para falá-lo?, para que ensinar em ídich, se o importante são “os conteúdos progressistas” e não o idioma de transmissão?

Essas perguntas circulavam e eram debatidas nas instituições. Os que eram a favor de acelerar o desaparecimento do ídich defendiam a passagem para o castelhano a fim de “atingir as massas trabalhadoras” e atrair os jovens que não o falavam; já os que resistiam, sobretudo os professores de escola, trabalhavam para tornar o ídich ameno e interessante para as crianças.

O impacto final chegou em meados dos anos 1960, quando uma sociedade em ebulição incorporava maciçamente a mulher ao mercado de trabalho e transformava as tradições familiares. No marco de novas necessidades sociais, emergiu com êxito a “escola estatal de horário integral”. As primeiras experiências na Argentina tiveram muito bons resultados,

Dificuldades financeiras, desinteresse dos jovens e o confronto ídich x hebraico causaram o desaparecimento das escolas

e essa modalidade cresceu, obrigando as famílias a optar entre o estabelecimento público de dupla jornada e a *shul*.

No 9º Congresso do ICUF, em 1968, quando restavam só três escolas, discutiu-se a crise das *shuln*. A opção, para modernizá-las, era transformá-las em escolas integrais (de dupla jornada). Contudo, essa decisão comportava polêmicas: os favoráveis, a minoria, argumentavam ser essa a única possibilidade de salvá-las; os contrários sustentavam que a escola integral promovia a exclusão da criança judia da sociedade argentina, além de ser uma alternativa privada acessível apenas a quem podia pagá-la e de ir de encontro ao espírito da Lei 1420, de ensino livre, gratuito e obrigatório. Após o voto de país, professores e ativistas, o Congresso

do ICUF adotou a posição da maioria: manter as escolas complementares até que sua luz se apagasse. Em 1969, saíram os últimos alunos da *mitl-shul*, e em 1977, os últimos da única escola primária que restava, o I.L.Peretz de Villa Lynch. O jardim de infância em castelhano, no entanto, teve outra sorte e continuou crescendo até a década de 1980, porque seu nível de excelência estava ligado mais às atividades recreativas do que à *shul*.

O êxito dos Kinder-clubes e das colônias Zumerland levou a maior parte do icufismo a sustentar que a educação judaico-progressista podia ser transmitida nesses espaços e em castelhano. Definitivamente, encerrava-se um ciclo no movimento e se abria talvez a quarta etapa em sua proposta educacional. Se a ampla gama de atividades recreativas e esportivas do icufismo conseguiu ou não substituir a *shul* a partir dos anos 1970, já é outra história. ■

Nerina Visacovsky, doutoranda pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, é docente e pesquisadora da Escola de Política e Governo da Universidad Nacional de San Martín.

**ber
vel**
Bervel
empreendimentos

Administração de condomínios
Locação de imóveis
Assessoria imobiliária

Centro: 2212-6100
Fax: 2212-6101
Barra: 3321-5871 / 3325-4241
Fax: 3325-1555

www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br

O incrível SAPS

Henrique Veltman/ Especial para ASA

Ficavam ali, na Praça da Bandeira, o restaurante central e a sede do SAPS, criado em 1940 por Getúlio Vargas, com os então dirigentes da Sociedade Brasileira de Alimentação, da qual fazia parte o Josué de Castro.

Entre as ações do SAPS destacavam-se a criação de restaurantes populares, o fornecimento de alimentos por alguns empregadores e a participação na educação alimentar. Na verdade, o SAPS mudou o cardápio do brasileiro, introduzindo o hábito de comer saladas, verduras e, por último, mas não menos importante, soja.

Mas não é disso que eu quero falar. O SAPS da Praça da Bandeira, além de fornecer refeições boas e baratas, por 10 centavos, tinha uma ótima biblioteca e uma razoável discoteca. Alimento para o espírito.

Tudo, quase que por obra e graça de seu diretor, o general Umberto Peregrino – militar, mas antes de mais nada, um intelectual (graças a quem, em Santa Tereza, funciona hoje a Casa de Cultura São Saruê). Peregrino exerceu diversas

funções na carreira militar: professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro, diretor do SAPS, diretor da Biblioteca do Exército, diretor do Instituto Nacional do Livro. Recebeu o Prêmio Paula Brito (1959) e diversas condecorações. Publicou vários livros, entre os quais *Literatura de Cordel em discussão* (1984), além de ensaios e artigos em revistas e jornais.

Pois é, mas no nosso SAPS da Praça da Bandeira, Fraim Hechtman e eu (naquela época ele era simplesmente o Felipe), Jacó Gandelman e meu irmão Moisés, moradores do Beco da Mãe, e José Lipes, vizinho da vila, íamos quase que diariamente ouvir música clássica e pegar livros. No início, a gente até selecionava títulos e autores; mais adiante, por preguiça, decidimos explorar os livros por prateleira. E foi assim, numa confusão danada, mas muito proveitosa, que misturamos autores, temas, épocas. Devoramos de Emilio Salgari a Emmanuel Kant, sem traumas.

Mas nem só de judeuzinhos do Beco se alimentava o SAPS: uma turma enorme do nosso Colégio Hebreu Brasileiro, diariamente, vinha de bonde depois das aulas,

almoçava por 10 centavos (pra desespero das mães, sem entender como seus filhos trocavam a comida idish por feijão com arroz) e frequentava a biblioteca e a discoteca. Sem contar outros eventos que o Umberto Peregrino inventava para agitar o SAPS. Por exemplo, um concurso literário sobre a figura do historiador Otávio Tarquínio de Souza. Deve ter sido em 1950. Acho que 90% dos estudantes que concorreram eram do Hebreu. Claro, o concurso foi vencido pelo Ari Vaisman!

Acredite quem quiser, mas a partir de uma certa prateleira, a biblioteca do SAPS já não saciava nossa fome de leitura. Foi assim que os meninos do Beco descobriram as demais bibliotecas públicas do Rio, a Experimental Castro Alves, do IPASE, as da Avenida Venezuela, a BIBSA e, claro, a Biblioteca Nacional.

Tempos bons, aqueles, quando a gente não tinha grana pra comprar livros, mas tinha um enorme apetite por eles! ■

Henrique Veltman, carioca, 73 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.

MARTINS ASSOCIADOS -Advocacia Trabalhista e Societária

Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional

Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Alberto Band - Advogado

Rua Álvaro Alvim, 48 / 405 - Centro - Telefone: 2220-2784

Anna e Heloisa Araujo Eventos
Cerimonial e Logística - Bufê próprio

Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929 - E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

Dr. Sérgio Fiser - Cirurgia plástica, estética, Botox,
preenchimento de rugas, câncer de pele

Rua Siqueira Campos, 43 / 608 - Copacabana - Telefone: 2257-0359

Mauro Acelrad - Psiquiatria Clínica

Rua Joana Angélica, 217 – Ipanema
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852 - E-mail: acsel@globo.com

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria

Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana - Telefone: 2255-7491

José Paulo Nebel - Psicólogo/ Psicanalista

Rua Benjamin Batista, 197/ 302 - Jardim Botânico - Telefone: 2286-5075

As chamusas kosher....

Fany Sechter Ruah / Especial para ASA

No artigo anterior, você passeou pela Índia judaica. Com uma conclusão sobre a semelhança de costumes, vamos, agora, ficar na parte mais gostosa desta "história": a comida indiano-judaica, ou a comida judaico-indiana, como preferir.

Para avivar a memória e começar a introdução à culinária judaico-indiana, vá ao site de culinária das "mamas" **INMAMASKITCHEN** http://www.inmamaskitchen.com/Jewish_History/Jewish_India.html, onde há uma breve história dos judeus na Índia e algumas receitas com bons links relacionados.

Receitas mais indianas e picantes estão no link RECIPES do site <http://www.rahelsjewishindia.com/>, de uma escritora judia que visitou a Índia e agora promove excursões. A página do link ARTICLES também é interessante.

No site JEWISH RECIPES há duas páginas com receitas, bem ao sabor indiano também. <http://www.jewishrecipes.org/kosher-recipes/kosher-india-recipes/index.html> para receitas que também são kosher e <http://www.jewishrecipes.org/recipes/knish/indian-potato-knish.html> para uma mistura de knish com curry...

O próximo não é um site judaico, é o do escritor e muito conhecido chef indiano Suvir Saran, com menus do seu restaurante, http://www.suvir.com/recipes/intro_indian.html. Tem TODAS as explicações sobre comida indiana, especiarias, e cita também a influência judaica vinda com judeus portugueses. É muito interessante e bonito. Se tiver paciência para ler, vai achar muitas surpresas neste site. Curiosidade: as chamusas (muito citadas na

recente novela das 9 da Globo) também fizeram o caminho inverso e em Portugal são muito populares e estão em todo lugar.

Para fechar o assunto com chave de ouro, está aqui um site só de receitas, RECIPES ZAAR, <http://www.recipezaar.com/recipes.php?categ=kosher,indian>. Nesta página Kosher-Indian recipes estão 69 receitas!

Muito bem, mãos à obra, e bom apetite. E não se esqueça de ter por perto muita água para beber ... ■

Fany Sechter Ruah, radialista, profissional de Marketing e webmaster do portal judaico FanyZINE – www.fanyzine.com, é colaboradora de ASA.

Cartas para ASA: Rua São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP 22260-001;

telefax (21) 2539-7740 ou e-mail asa@asa.org.br c.c para smgruman@terra.com.br

Devem conter nome e endereço completos, telefone e assinatura. Havendo restrição de espaço, poderão ser encurtadas sem autorização dos remetentes

NOTAS

Coral

O Coral da ASA participou recentemente de dois eventos. No dia 26 de setembro, apresentou-se na **Sociedade Brasileira de Psicanálise – RJ** (foto) num programa aberto ao público em comemoração ao 50º aniversário da entidade. No dia 7 de outubro, cantou no **Encontro Coral do Clube Ginástico Português**.

Foto S.M.C



Nova direção

Em assembleia realizada no dia 15 de setembro, foi eleita a diretoria da ASA para o biênio 2009-2011. Eis a composição: **PRESIDENTE** Mauro Band. **VICE-PRESIDENTES** Horácio Itkis Schechter e Gittel Arszyn Bucaresky. **TESOUREIROS** Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins. **SECRETÁRIAS** Tânia Mittelman e Rosa Goldfarb. **DIRETORES**. Jacques Gruman, Clara Goldfarb, Marcos David Somberg, Fanny Cytryn e Esther Kuperman

Livro e palestra

No dia 21 de outubro, a jornalista **Guila Flint** lançou em nossa sede o livro *Miragem de Paz*, com artigos sobre o conflito israelense-palestino escritos nos últimos quinze anos, e fez palestra sobre a conjuntura atual do Oriente Médio. Houve intenso debate com o público. O evento contou com o apoio dos Amigos **Brasileiros do Paz Agora** e do **Meretz**.

Foto Jacques Gruman



A diretora Esther Kuperman e Guila Flint

Fotos Sara Markus Gruman



José Roberto P. de Goes, Celso Leal, do COMDEDINE, Carlos Alberto Medeiros e o diretor Jacques Gruman

Ação Afirmativa

Um debate quente, com intensa participação do público, ocorreu no dia 30 de agosto. O tema, que desperta grande polêmica na sociedade brasileira, girou em torno das chamadas Políticas de Ação Afirmativa, dentre as quais as cotas para negros em diversos espaços têm lugar de destaque. Os debatedores foram o jornalista **Carlos Alberto Medeiros** e o professor da UERJ **José Roberto Pinto de Goes** (leia artigos nas páginas 6 e 7) O evento teve o patrocínio conjunto da **ASA** e do **COMDEDINE – Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro**.

Segunda Guerra Mundial

Encerrando os eventos que evocaram o 70º aniversário do início da Segunda Guerra Mundial, tivemos, no dia 4 de outubro, um painel que analisou as causas e consequências do conflito, os principais fatores que ajudaram a desencadeá-lo, os interesses envolvidos, o que aconteceu no Brasil nas décadas de 1930 e 1940 e as heranças do nazi-fascismo no mundo de hoje. Os expositores foram **Fernando Vieira**, doutor em Sociologia e Antropologia, e **Anita Leocádia Prestes**, doutora em História.



Anita Leocádia Prestes, a diretora Esther Kuperman e Fernando Vieira

Freud

Para lembrar o 70º aniversário da morte de Sigmund Freud, a **ASA** e a **Sociedade Brasileira de Psicanálise – RJ** organizaram o painel **Freud e seu tempo**, no dia 13 de setembro, na nossa sala de vídeo. Falaram a psicanalista **Áurea Lowenkron** e a doutora em Antropologia **Andrea Rangel Ribeiro**.



Pedro Gomes, presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise - RJ, Andrea Ribeiro, Áurea Lowenkron e Jacques Gruman

ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001